



CHEVALIER PINTO: “UM DOS HOMENS MAIS ILUSTRADOS QUE JÁ VIVERAM NO BRASIL”

CHEVALIER PINTO: “ONE OF THE MOST ENLIGHTENED MEN WHO EVER LIVED IN BRAZIL”¹

Carmem Rodrigues*

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

<https://orcid.org/0000-0003-2681-4646>

carmemmarquesrod@gmail.com

RESUMO: Entre 1774 e 1788, Luís Pinto de Sousa Coutinho, o Visconde de Balsemão (1735-1804), residiu na Inglaterra atuando com Ministro Plenipotenciário e Enviado Extraordinário de Portugal. Neste artigo pretendemos abordar esse período com foco nos intercâmbios culturais e nas colaborações literárias e cartográficas que Luís Pinto estabeleceu ao longo de sua permanência na Ilha Britânica. O objetivo é problematizar o papel que os embaixadores portugueses, especialmente Luís Pinto, desempenharam no último quartel do século XVIII, demonstrando que sua atuação não se restringia ao ambiente político, mas também reverberava no circuito cultural iluminista.

PALAVRAS CHAVE: Visconde de Balsemão; Intercâmbio Cultural; Colaboração; Iluminismo.

ABSTRACT: Between 1774 and 1788, Luís Pinto de Sousa Coutinho, Viscount Balsemão (1735-1804), lived in England as Minister Plenipotentiary and Extraordinary Envoy of Portugal's Court. This article intends to address this period, focusing on cultural exchanges, literary and cartographic collaborations that Luís Pinto established during his stay at the British Island. The goal is to discuss the role that the Portuguese ambassadors, especially Luís Pinto, played in the last quarter of the 18th century, showing that their actions were not restricted to the political environment, but also reverberated in the Enlightenment cultural circuit.

¹ “The abbé and writer, in handing him a questionnaire on Brazil, was impressed with the diplomat, stating that he was ‘One of the most enlightened men who ever lived in Brazil’” (MONTEIRO&FURTADO, 2019:11)

* Doutora em História, linha de pesquisa Ciência e Cultura em História - UFMG/CAPES). Em 2020 recebeu o JB Harley Research Fellowship on The History of Cartography com o apoio do The Historical Geographers Research Group (HGRG), para realizar pesquisas na British Library e The National Archives (Inglaterra). Realizou intercâmbio acadêmico no Departamento de História Moderna e Contemporânea da Universidade Autônoma de Barcelona (UaB) e no Laboratório de História Social da Universidade de Brasília (UnB). Foi professora substituta do Departamento de Filosofia da PUC Minas. Foi Assistente de Pesquisa da Fiocruz Minas - Instituto René Rachou.

KEYWORDS: Viscount Balsemão; Cultural Exchanges; Collaborations; Enlightenment.

INTRODUÇÃO

Em 1º de Outubro de 1777, na cidade espanhola de Santo Ildefonso, os representantes espanhóis e portugueses finalizaram as negociações do Tratado Preliminar de Paz e Limites, colocando um fim às hostilidades e sinalizando as balizas que deveria ser utilizadas para estabelecer as fronteiras entre as suas colônias na América do Sul. Enquanto isso, em Londres, Luís Pinto de Sousa Coutinho trabalhava como Enviado Plenipotenciário de Portugal e tentava, de todas as maneiras, conquistar o beneplácito inglês às proposições territoriais lusas na América.

A mudança de conjuntura em Portugal com a ascensão ao trono de Dona Maria I (1734-1816) em 1777 deu novo fôlego às negociações bilaterais. Os esforços concentraram-se nas tratativas diretas entre as duas Coroas, sem a interferência dos mediadores externos, como Inglaterra e França. Todavia, Luís Pinto continuou com suas tentativas de convencer a Inglaterra a intermediar o Tratado de Limites enquanto tratava de apaziguar as inquietações inglesas, que temiam que uma negociação direta levasse Portugal a aceder ao Pacto de Família. (FURTADO&MONTEIRO, 2019:14) As notícias sobre a conclusão do Tratado chegaram a Londres logo nas primeiras semanas de Outubro, porém Luís Pinto só teve acesso à cópia do acordo no começo de 1778.² O embaixador reclamou que a demora em receber o seu conteúdo completo o deixava de mãos atadas diante dos questionamentos ingleses, mas sua erudição e a experiência como governador, forjada na fronteira Oeste do Brasil, lhe proporcionou um vasto conhecimento sobre a colônia, suas fronteiras e os respectivos Tratados de Limites já assinados. Com isso conseguiu manobrar a desconfiança e conquistar seu espaço no cenário cultural inglês.

Isso porque, além de todo o trabalho diplomático, também coube a Luís Pinto a tarefa de defender a colonização portuguesa junto à comunidade *savant*, importante *locus* de formação de opinião no cenário europeu. O objetivo era contribuir com obras pontuais que tivessem impacto junto à opinião pública, fornecendo informações positivas sobre o colonialismo português e suas colônias americanas. Nesse sentido, contribuiu transmitindo informações estratégicas sobre a ação portuguesa em suas colônias para importantes obras iluministas, tanto literárias quanto cartográficas. Tal fato revela como os *savants* e autoridades régias – que concediam esse intercâmbio – estavam interligados ao circuito

² TNA, SP 89/85/2, 1778, Jan 9. Folio 3: L. Pinto de Sousa to Viscount Weymouth.

cultural iluminista e quebravam o sigilo de informações, política que costumava ser característica da sua ação colonial, com objetivos claros.

As recentes pesquisas dos historiadores Junia Furtado e Nuno Monteiro (2016, 2019, 2020) sobre a colaboração portuguesa na construção da obra *Histoire des deux Indes*,³ de autoria do Abade Raynal (1713-1796), estão desvelando “as razões que levaram a Coroa portuguesa a autorizar seus embaixadores a fornecer tais informações sobre o seu império colonial, antes tão sigilosamente resguardadas”. (FURTADO&MONTEIRO, 2020:237) Essa parceria, quando analisada em seu contexto evidencia o intuito de

[...] utilizar o livro de Raynal enquanto instrumento para criar nas administrações das cortes europeias, especialmente em Inglaterra e em França, os fiéis da balança diplomática, e na opinião pública em geral, uma visão positiva do colonialismo português, convergindo-a em prol dos interesses de Estado na busca de uma solução diplomática definitiva que pusesse fim a essas disputas de limites. (FURTADO&MONTEIRO, 2020:237)

Ao contrário do paradigma do isolamento cultural e do sigilo dos mapas, as colaborações de Luís Pinto mostram como as informações administrativas, geográficas e econômicas circulavam, saindo da esfera restrita da administração régia para se conectarem ao espaço de debate amplo da opinião pública. Tudo indica que além das colaborações literárias, Luís Pinto também se esforçou para fomentar uma cartografia da América do Sul que representasse os interesses portugueses.

Neste artigo nos propomos a abordar o período em que Luís Pinto de Sousa Coutinho, o Visconde de Balsemão, atuou como Ministro Plenipotenciário e Enviado Extraordinário de Portugal em Londres com foco nos intercâmbios culturais e nas colaborações literárias e cartográficas que estabeleceu ao longo de sua permanência na Grã-Bretanha. O objetivo é problematizar o papel que Luís Pinto desempenhou no último quartel do século XVIII, demonstrando que sua atuação não se restringia ao ambiente político, mas também reverberava no circuito cultural iluminista.

A CHEGADA À INGLATERRA

Em 03 de Novembro de 1773, Robert Walpole (1736-1810) Embaixador da Inglaterra em Lisboa, escreveu para William Nassau de Zuylestein, 4º Earl of Rochford (1717-1781), informando que o novo Embaixador português em Londres era “Chevalier

³ Título completo: *Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des Européens dans les deux Indes*.

Luís Pinto, ex-Governador do Mato Grosso (Brasil), quem parecia ser de um caráter muito amável e verdadeiramente bem qualificado.”⁴ A notícia foi confirmada a 1.º de Março de 1774, quando Luís Pinto de Sousa Coutinho foi nomeado Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário de Portugal em Londres.

Os ingleses chegaram a acreditar que sua nomeação seria desfeita por causa da relação próxima que tinha com José Seabra da Silva (1732-1813), que caíra em desgraça na corte portuguesa.⁵ Porém, no final de Abril de 1774, o novo embaixador já tinha despachado para Londres seu secretário com grande parte de sua bagagem.⁶ Em Maio, foi a vez do embaixador desembarcar em Falmouth com o restante de seus pertences e sua esposa, D. Catarina Micaela de Sousa César de Lencastre (1749-1824), que poucos dias depois deu à luz o primogênito da família.⁷

Assim que se estabeleceu na Legação de Portugal em Londres, Luís Pinto deu início ao seu trabalho diplomático, que tinha como uma das questões centrais a negociação de um novo Tratado de Limites para as possessões ultramarinas portuguesa e espanhola.



Em fins de 1775, intensificaram-se os conflitos bélicos entre Portugal e Espanha, especialmente no sul do Brasil, que se arrastavam na região desde 1763, quando D. Pedro Cevallos, comandante do Exército espanhol, conquistou boa parte do território português em Rio Grande de São Pedro. Nesse momento, Pombal iniciou uma contraofensiva para retomar os territórios conquistados, que interrompia a recente trégua arduamente negociada entre as partes. (FURTADO&MONTEIRO, 2020:237)

Por isso, começou a participar de reuniões com diversas autoridades britânicas a fim de conquistar sua simpatia para a causa lusitana. Foi inclusive ousado em seus primeiros movimentos ao entregar para Henry Howard, 12.º Earl of Suffolk (1739-1779), na época Secretário de Estado do Departamento Norte, um “memorial extraordinário”⁸ com sugestões sobre as diretrizes diplomáticas que o embaixador britânico em Madri deveria seguir sobre a questão das fronteiras na América do Sul.⁹ O Earl of Rochford e Walpole ficaram perplexos com a audácia de Luís Pinto e logo procuraram o Marquês de Pombal

⁴ TNA, SP 89/75/61. 1773, Nov 3, Lisbon. Folio 160: R. Walpole to Earl of Rochford.

⁵ TNA. SP 89/76/28. 1774, Apr 9, Lisbon. Folio 63: Consul J.Whitehead to Earl of Rochford.

⁶ TNA. SP 89/76/32. 1774, Apr 27, Lisbon. Folio 71: R. Walpole to Earl of Rochford.

⁷ TNA. SP 89/76/35. 1774, May 14, Lisbon. Folio 78: R. Walpole to Earl of Rochford. O primeiro filho do casal foi Luís Máximo Alfredo Pinto de Sousa Coutinho, 2.º Visconde de Balsemão (1774-1832), que nasceu no dia 30 de Maio de 1774 em Falmouth.

⁸ TNA. SP 89/79/2. 1775, Jan 4, Lisbon. Folio 3: E. Walpole to Earl of Rochford.

⁹ TNA. SP 89/78/40. 1774, Dec 7, London. Folio 120: L. Pinto de Sousa to Lord Suffolk.

(1699-1782) para deixar claro que, ao Rei George III (1738-1820), “não deve ser ditado, nem dito a linha de conduta que deve manter, mas que está firmemente decidido a defender a aliança anglo-portuguesa.”¹⁰

Decerto, o objetivo de Luís Pinto era “utilizar a aliança inglesa para pressionar a Espanha na América do Sul.” (SILVA, 2006:918) Mas, era preciso ser bastante astuto para não transgredir a linha tênue que separa a amizade da inimizade no jogo diplomático. Era preciso se familiarizar “com todo o jogo de aparências, de tergiversações e ambiguidades” (VENTURA, 2001:965).

A vida diplomática não era apenas um espaço de negociação política, mas tornou-se ponto importante de formação e sociabilização da República das Letras no espaço continental europeu. Embaixadores eram homens cultos e, nos congressos e nas cortes estrangeiras, estabeleciam intensa cordialidade entre si. (...) O diplomata era, antes de mais nada, um homem de letras, e uma ampla cultura era essencial à sua formação. (FURTADO, 2013:51)

O CIRCUITO ILUMINISTA

O grande encanto de Luís Pinto pela Ciência e pela Literatura, certamente foi um facilitador de sua integração ao ambiente intelectual inglês, que era extremamente vivo e pujante na segunda metade do século XVIII. O esplendor inglês ficou marcado na memória do embaixador tanto que, 14 anos depois, quando regressou a Portugal, escreveu para António de Araújo e Azevedo (1754-1817), o Conde da Barca, solicitando que enviasse “notícias da minha Inglaterra, da qual nunca perderei as saudades”. Na mesma missiva perguntou ao amigo, em tom nostálgico: “diga-me se não achou nela ainda mais do que sua fértil imaginação lhe figurava?”¹¹

De fato, seu interesse científico e literário era antigo. Tinha grande curiosidade pelas Ciências Naturais, um campo que pôde explorar quando foi Governador da Capitania do Mato Grosso e Cuiabá (1769-1772), tanto que ainda em 1769 “fez chegar à Ajuda uma longa lista de produções naturais” que coletou por suas expedições naquela capitania (BRIGOLA, 2004:334). Seu correspondente nessa área era Domingos Vandelli (1735-1816), que inclusive o homenageou “no Catálogo *Hortus Olisiponensis* (1771) fazendo desenhar, e descrevendo, uma nova planta com o táxone de *Balsemona Pinto*.” (BRIGOLA, 2004:334) Foi naquele período que Luís Pinto intensificou sua atividade colecionista, que

¹⁰ TNA. SP 89/78/39. 1774, Dec 20, London. Folio 116: Earl of Rochford to R. Walpole.

¹¹ ADB. 1789-08-12. PT/UM-ADB/FAM/FAA-AAA/000142. B-8(16,2). Carta de Luís Pinto de Sousa Coutinho.

incluía uma enorme variedade de itens, sendo parte dessa coleção composta por obras que lhe foram dedicadas, como foi o caso das ilustrações, gravuras e códices descritivos da natureza do Brasil (CABRAL&MEIRELEIS, 1997:33-4) e das obras do escritor José Barbosa de Sá (?-1776), como os *Diálogos geográficos, cronológicos, políticos e naturais* (1769) e a tradução métrica dos salmos de Davi (1771). Porém, quem realmente tinha destaque no mundo literário era sua esposa, D. Catarina de Lencastre. Antes de chegar à Ilha, Walpole a descreveu como uma mulher “muito sensata e engenhosa, mas que não fala nenhuma língua a não ser o português.”¹² Todavia, uma vez na capital inglesa, fez uma opção um tanto diversa das mulheres de sua classe social e de seu tempo: estudou inglês, francês e italiano, instruindo-se durante o tempo que lhe sobrava das tarefas domésticas. Bastaram alguns anos e o casal Sousa Coutinho “fez dos salões da legação de Portugal em Londres um centro notável e prestigiado de reuniões para onde afluíam personalidades das mais distintas daquela corte, que cultivavam as Artes, as Letras ou as Ciências.” (MOREIRA, 2000:15) A casa transformou-se em um ambiente concorrido, especialmente para os portugueses emigrados. Além dos saraus e de outros encontros literários, sua vasta biblioteca era um dos principais atrativos.



Terá sido o caso de António de Morais e Silva, o pai da lexicografia brasileira, que, fugido da Inquisição de Coimbra, encontrou na Inglaterra a proteção de Luís Pinto de Sousa Coutinho, tendo exercido por algum tempo o cargo de secretário particular da Legação. Em Londres, cercado de bons livros, longe da Inquisição e sob influente proteção, terá composto o seu célebre Dicionário da Língua Portuguesa, compulsando a ‘mui escolhida e copiosa livraria’ do embaixador. (COSTA, 2012:140)

Em pouco tempo, Luís Pinto já estava integrado ao *modus operandi* da diplomacia iluminista, onde as embaixadas não eram apenas espaços burocráticos, mas acima de tudo “espaços de intenso contato social, cultural e político.” (FURTADO, 2012:98) Esse ambiente era parte integrante da arte diplomática.

Arte de conhecimento, de prudência, de inteligência política, de mediação, de polidez, mas também de dissimulação. Qualidades imprescindíveis para o exercício da função eram ‘a observação penetrante, a perspicácia, a justa apreciação dos homens, das circunstâncias e das oportunidades, o autodomínio, a moderação e o equilíbrio’. Um embaixador deveria ser ‘muito familiar, popular e magnífico’, ter ‘grande desembaraço, muita atenção, grande sagacidade com muita dissimulação, um semblante de muitas caras e um aparato com tanto artifício que sirva a todos os gênios’. (FURTADO, 2012:98)

¹² TNA. SP 89/76/35. 1774, May 14, Lisbon. Folio 78: R. Walpole to Earl of Rochford.

Celeremente, Luís Pinto colocou essas lições em prática, aprendendo que não bastava fiar-se das audiências oficiais de gabinete, era preciso também visitar a praça de apostas de Londres para auferir as expectativas sobre determinados eventos,¹³ assim como ler diariamente as gazetas para observar o que público dizia “a nosso respeito”.¹⁴ Além disso, era preciso construir relações íntimas para ser sempre convidado para conversas francas nas residências das autoridades inglesas.¹⁵ Ou mesmo usar de outras artimanhas como contar com um informante nas embaixadas dos outros países, especialmente na espanhola e francesa.¹⁶

Os presentes também eram importantes no jogo diplomático e o mais relevante era saber escolher itens que seriam bem recebidos pelo presenteado, mas que também seriam fonte simbólica de poder. Foi com isso em vista que o embaixador fez chegar à “Livraria do Rei” George III uma vasta “coleção de livros raros de Portugal”, que posteriormente tornaram-se uma fonte de consulta para os pesquisadores da História de Portugal e do Brasil. Como foi o caso do escritor e poeta britânico Robert Southey (1774-1843), que utilizou os “livros presenteados há muitos anos por Pinto”¹⁷ como fonte para sua *História do Brasil* (1810-1817).

Outros proeminentes locais de sociabilidade em Londres no século XVIII eram os clubes e os *coffeehouses*. Esses eram “centros vitais de comunicação de notícias e espaço de debate político” (COWAN, 2004:44), aos quais Luís Pinto também estava atento, pois eram parte integrante da vida masculina na cidade.

No mundo “clubbable” que era Londres, a reputação dos indivíduos - e as fofocas e os rumores que os rodeavam - afetavam sua associação com as múltiplas organizações das quais eram membros. Isso significava que a reputação e, conseqüentemente, as atividades de qualquer clube ou sociedade - mesmo aqueles com finalidades fundamentalmente diferentes - podiam ser influenciadas pelas dos outros. Por causa disso, fofocas e rumores em qualquer setor da vida tinham a possibilidade de conseqüências abrangentes para o “mundo associativo” da Londres do século XVIII. (COWAN, 2004:43)¹⁸

¹³ ANTT. MNE. Correspondência de legações estrangeiras. Londres. Caixa 702. Todos os documentos da ANTT foram gentilmente cedidos pela Prof.ª Drª Junia F. Furtado, a quem agradecemos.

¹⁴ ANTT. MNE. Correspondência de legações estrangeiras. Londres. Caixa 702.

¹⁵ ANTT. MNE. Correspondência de legações estrangeiras. Londres. Caixa 702.

¹⁶ ANTT. MNE. Correspondência de legações estrangeiras. Londres. Caixa 702. 08/02/1777

¹⁷ Letter 2428: Robert Southey to Herbet Hill, 27 May 1814.

¹⁸ Tradução livre do original

As academias, os clubes e as sociedades eram partes importantes do mundo letrado iluminista e integrar os quadros dessas instituições era motivo de distinção, além de ser uma excelente maneira de estar conectado aos ambientes de produção e de discussão de conhecimento. Como um *savant*, Luís Pinto foi membro tanto das Sociedades inglesas como das Academias portuguesas, uma mostra de como estava inserido no circuito intelectual iluminista da segunda metade do século XVIII. (FURTADO, 2013: 55) Quando a Academia Real das Ciências de Lisboa foi criada, em 1779, logo em sua primeira eleição, instituiu a categoria de sócio correspondente para colocar em seus quadros portugueses residentes no estrangeiro. Era por meio desses contatos que a Academia criava “espaços privilegiados de intercâmbio de ideias e de sociabilidade.” (FURTADO, 2013:45) Luís Pinto figurou na primeira lista de eleitos feita em 1780 (SILVA, 2015:335), sendo sua inclusão importante porque assim como outros

embaixadores portugueses, (...) eram espectadores privilegiados desse ‘teatro do mundo’ e, por isso mesmo, constantemente produziam textos reflexivos sobre os acontecimentos, a respeito dos quais debatiam com os seus correspondentes. Era uma história eminentemente política, que deveria reconstituir os acontecimentos do passado, mas também instruir a Coroa em sua ação futura. (FURTADO, 2013:45)

Em Abril de 1787, foi eleito *fellow* da *Royal Society* (FRS)¹⁹, proposta feita “por insignes personalidades e cientistas da época, à cabeça dos quais o naturalista e botânico Joseph Banks, então presidente da própria *Royal Society*”²⁰ (COSTA, 2012:135), tornando-se um dos 25 sócios portugueses da instituição. (FIOLHAIS, 2011) Como afirma Ângela Domingues, a integração de Luís Pinto coaduna com os objetivos imperiais da instituição:

A *Royal Society* caracteriza-se, na segunda metade de Setecentos, por ser uma instituição supranacional constituída por uma elite aristocrática e científica, composta por ‘every one of His Majesty’s subjects who is a Peer, or son of a Peer, of Great Britain or Ireland, and every one of his Majesty’s Privy Council of either of the Said kingdoms; and every Foreign Sovereign Prince, or the son of a Sovereign Prince or an Ambassador to the Court of Great Britain’, e que demonstrassem uma formação intelectual sólida e um reconhecido interesse em ciências naturais, matemáticas e ‘polite literatures’. Incluía não só indivíduos residentes em Inglaterra, mas também correspondentes de outras partes do Império

¹⁹ The *Royal Society of London for Improving Natural Knowledge*, fundada em 28 de novembro de 1660 em Londres.

²⁰ Segundo o certificado de eleição de 1787, a aceitação de Luís Pinto como FRS foi avalizada por Jos Banks; Count de Bruhl; C Blagden; L Dutens; Rd Kirwan; Richard Paul Jodrell; George Staunton; J G King; John Paradise; A Dalrymple, que “a partir de nosso conhecimento pessoal de seu mérito, recomenda-mo-lo como um merecedor da honra que ele pede, e provavelmente será um grande e valioso membro.” TRS, EC/1787/01. Sousa Coutinho, Luís Pinto de; certificate of election to the *Royal Society*.

Britânico ou do estrangeiro, por vezes estrategicamente colocados para suprir a Society de informações relacionadas com o ultramar. (DOMINGUES, 2006:155-156)

O PAPEL DOS MAPAS

O mapeamento e o colecionismo de mapas eram outras áreas de vívido interesse de Luís Pinto, que os desenvolveu e os explorou desde o período em que viveu no interior da América. Os mapas e os atlas não só supriam sua curiosidade, mas tinham importante função no desempenho de seu trabalho político e diplomático. Entre 1774 e 1777, no decorrer das negociações antecedentes do Tratado de Santo Ildefonso (1777), Luís Pinto recebeu inúmeros informes, memórias, explicações e demais documentos da Corte portuguesa e de seus colegas embaixadores em Madri e em Paris, a grande maioria centrada nas questões dos limites. Essas informações descritivas eram importantes, pois eram utilizadas na preparação de negociações e reuniões, porém somente esse tipo de documento não era o suficiente. Ao longo do século XVIII, “a definição de limites se tornava cada vez mais uma questão geográfica, na qual a cartografia desempenharia papel importante.” (FURTADO, 2012:58) Assim sendo, o embaixador também utilizava os mapas como ferramentas de trabalho, como fez em Setembro de 1776, quando prometeu entregar a Thomas Thynne, 2º Visconde de Weymouth (1734-1796) “um mapa da região em disputa”²¹ com a intenção de clarificar as pretensões portuguesas na América do Sul.²² Em Julho de 1777, diante da indiferença do Primeiro Ministro Frederick North, o Lord North (1732-1792) sobre os embates que eram travados no Sul da América, Luís Pinto fez questão de mostrar “àquele ministro à vista do Mapa, as fatais consequências que se deviam esperar de semelhante acontecimento”.²³

A impassibilidade inglesa decorria, em grande parte, da Guerra de Independência dos EUA (1775-1783), pois “sua súbita irrupção na cena internacional baralha[va] todos os

²¹ TNA. SP 89/83/15. 1776, Sept 9, London. Folio 43: L. Pinto de Sousa to Viscount Weymouth.

²² Em Abril de 1776 tropas luso-brasileiras avançaram sobre os castelhanos e conquistaram a vila do Rio Grande, uma ação que provocou a indignação espanhola que procurou, através da diplomacia, exigir a restituição das terras invadidas. A ofensiva fazia parte dos planos de Pombal que “percebendo que, depois da derrota de Alger, a Espanha estava negociando em posição de fraqueza, instruiu o embaixador em Madri para iniciar as conversações, enquanto enviava ordens ao marquês de Lavradio para reforçar a defesa da Colônia do Sacramento e conquistar as posições espanholas no Rio Grande de S. Pedro.” (ALMEIDA, 2009:84)

²³ Luís Pinto se referia à resposta bélica espanhola, que diante da invasão portuguesa da vila do Rio Grande, organizou uma grande ação militar, comandada pelo General D. Pedro Antonio de Cevallos Cortés y Calderón (1715-1778) que “investiu e conquistou a ilha de Santa Catarina e controlou a Colônia do Sacramento, iniciando sua demolição. Sua esquadra pretendia invadir Rio Grande pela Barra, esfacelando o Exército Sul.” (TORRES, 2008:24). ANTT. MNE. Correspondência de legações estrangeiras. Londres. Caixa 702. 17/06/1777

equilíbrios preexistentes.” Especialmente para Portugal, pois a ameaça de internacionalização do conflito e a impossibilidade ou indisponibilidade do auxílio inglês deixava Portugal em posição fragilizada e ainda inviabilizava “a estratégia pombalina na América do Sul. Sem o apoio inglês, a situação portuguesa rapidamente se torna[va] insustentável face às pressões da Espanha de Carlos III.” (SILVA, 2002:295-6)

Luís Pinto acompanhou o desenrolar desses embates através das reuniões diplomáticas, das histórias publicadas nas gazetas, dos encontros nos círculos literários, científicos e dos mapas, mostrando, inclusive curiosidade em conhecer a geografia da guerra. Foi nesse mesmo contexto que “um jovem industrioso, Faden tirou vantagem da Guerra de Independência Americana para produzir uma enorme quantidade de mapas (...). Seu catálogo de 1778, lista não menos do que vinte planos militares publicados em menos de três anos, 1776-1778.” (PEDLEY, 1996:162)²⁴ William Faden (1749-1836), editor, gravador e geógrafo, ganhou notoriedade com a qualidade dos mapas que publicou sobre o conflito norte-americano e em pouco tempo passou a dominar o concorrido mercado de impressão de mapas. Sua capacidade de fornecer representações cartográficas de eventos militares contemporâneos, uma das importantes funções do consumo de mapas, foi fundamental para que o público europeu pudesse visualizar o teatro da guerra norte-americana que era noticiado nas gazetas locais.

Certamente, o geógrafo inglês jamais conseguiria obter esse sucesso se não fosse capaz de construir uma rede de colaboradores que fornecessem informações geográficas atualizadas das áreas representadas. Isso era indispensável para os geógrafos que, como ele, precisavam se manter atualizados sobre a geografia das mais distantes regiões da Terra se quisessem sobreviver no concorrido mercado de mapas impressos. Na medida em que a fama de seu trabalho aumentava, Faden foi perspicaz em expandir sua rede de contatos que ia além dos geógrafos e gravadores de mapas franceses, chegando a congregar militares, políticos e diplomatas de diferentes nações.

Em pouco tempo o geógrafo inglês expandiu seu portfólio e passou a publicar mapas de outras partes das Américas. Em 1783, junto com seu principal colaborador, Louis Stanislas D’Arcy De La Rochette (1731-1802), lançou um mapa sobre a costa da Guiana, desde o rio Orinoco até o Amazonas, baseado, principalmente, nas observações do Capitão Edward Thompson (1738-1786). Dois exemplares desse trabalho foram adquiridos por Luís Pinto, que alguns anos antes, “a propósito de incidentes militares no Orenoco” tinha observado ao “Mylord Weymouth, que como prático das cousas da America podia segurar-

²⁴ Tradução livre do original

lhe, que tal cousa não podia acontecer naquelles termos; mas era natural que os Hespanhóes debaixo do pretexto de novas explorações, avançassem as suas partidas sobre Estabelecimentos Portugueses da parte superior do Rio Negro;(...)” (SILVA, 2002:197) Logo, obter mapas atualizados daquela região era de grande interesse para Luís Pinto.

Mapa 1. LA ROCHETTE, L.S.D. de. The coast of Guyana from the Oroonoko to the river of Amazons and the inland parts as far as they have been explored by the French & Dutch engineers with the islands of Barbadoes, Tobago &ca. 1783 Biblioteca Pública Municipal do Porto.



Em meados de 1786, Thomas Jefferson (1743-1826), na época embaixador dos Estados Unidos na França, contactou Faden solicitando que fizesse uma cópia do *Mapa Geográfico de America Meridional* (1775) de Juan de la Cruz Cano y Olmedilla (1734-1790).²⁵ Esse era um dos mais importantes mapas impressos sobre a América do Sul no século XVIII. Representava com detalhes, principalmente os territórios espanhóis na América e “em sua primeira versão impressa, o *Mapa Geográfico de América Meridional* tinha assinalada, de Norte a Sul, uma linha de fronteira que, de fato, correspondia a uma divisão entre o Brasil e os domínios espanhóis na América do Sul (...) que tinha por base a do Mapa das Cortes”. (ALMEIDA, 2009:83) O mapa passou então a fazer parte dos trabalhos organizados por Pablo Jerónimo Grimaldi y Pallavicini (1710-1789), o Marquês de Grimaldi para as negociações de limites entre as colônias de Portugal e Espanha na América. Sabe-se que circulou de forma restrita entre os espanhóis que participavam dos trabalhos. Entretanto, a forma como o mapa exacerbava a “extensão territorial da

²⁵ FO. Jefferson’s Suggestions for Republishing the Cruz Cano Map of South America, [ca. August 1786], **Founders Online**, National Archives, <https://founders.archives.gov/documents/Jefferson/01-10-02-0143>. [BOYD, Julian P. (ed.) **The Papers of Thomas Jefferson**, vol. 10, 22 June–31 December 1786. Princeton: Princeton University Press, 1954, pp. 216–217.]

usurpação territorial portuguesa na América” (ALMEIDA, 2009:85) fez Grimaldi ficar preocupado com a sua circulação. Por fim, em 1789, decidiu guardar as cópias existentes juntamente com as chapas de cobre originais na Real Calcografia,²⁶ sob ordem expressa de não serem retiradas ou vendidas. Não obstante, mesmo com as tentativas do embaixador espanhol em Londres de desacreditar o mapa, Faden conseguiu publicar sua versão em 1799.

Mapa 1. Versão do Mapa Geográfico da América Meridional, de Cruz Cano y Olmedilla, feita por William Faden e publicada em 1799. David Rumsey Map Collection.



Entre 1773 e 1823, ano em que se aposentou, Faden publicou uma quantidade considerável de mapas e atlas, tornando-se uma autoridade no assunto. Seus trabalhos e o relacionamento que tinha com a elite intelectual londrina fizeram dele uma referência. Certamente por isso Luís Pinto mantinha “excelentes relações” (ALMEIDA, 2009:87) com o geógrafo. Tudo indica que dessa amistosa relação nasceu uma colaboração cartográfica; Faden poderia ser o *expert* ideal para fazer e divulgar os contornos do império português na América. Em 1807, quatro anos após a morte de Luís Pinto, Faden publicou um monumental mapa da América do Sul, intitulado *Colombia Prima or South America*. Essa obra era um retrato do vasto conhecimento geográfico acumulado por luso-brasileiros e

²⁶ Criada em 1789 para recolher, conservar e estampar novamente todas as lâminas de cobre que tinham sido gravadas por ordem real.

hispano-americanos ao longo da colonização, e foi construída com o incentivo e o auxílio de Luís Pinto.

O mapa buscava ser um retrato da expansão colonial na América do Sul. Todo o seu vasto território foi representado cuidadosamente, com uma riqueza de detalhes impressionante para sua escala. Não há grandes espaços vazios, todas as colônias têm seus principais topônimos descritos, evidenciando a penetração civilizatória europeia no continente. Todavia, os espaços dos nativos não foram esquecidos, foram inclusive representados acompanhados da descrição de suas principais características. Sua grande inovação foi ser o primeiro grande mapa sobre a América do Sul do século XIX capaz de sintetizar as principais disputas políticas acerca das delimitações de fronteiras que haviam ocorrido no século anterior.

Para obter acesso às informações geográficas da América do Sul era essencial que Faden tivesse uma rede de informantes, especialmente oriundos das administrações reais, visto que estas, em geral, dificultavam a circulação de informes exatos sobre suas possessões coloniais com o intuito de protegê-las da cobiça das demais nações europeias (FURTADO, 2014: 61-110). No caso dos cartógrafos franceses e ingleses, a rede de diplomatas lusos em atuação nos seus países, por exemplo, era recurso corriqueiramente empregado para obter tais informes geográficos. É o que se observa na relação estabelecida, em Paris, na primeira metade do século XVIII, entre o embaixador português, Dom Luís da Cunha (1662-1749), e o geógrafo francês Jean Baptiste Bourguignon D'Anville (1697-1782), estudada por Junia Furtado (FURTADO, 2012 e 2013). Aparentemente, William Faden também conseguiu manter uma relação profícua com o embaixador português em Londres, Luís Pinto de Sousa Coutinho, para a construção de seu mapa sobre a América do Sul.

A importante participação do português foi ressaltada por Faden no subtítulo - “Extraído principalmente dos manuscritos originais de Sua Excelência, o falecido, Chevalier Pinto.” - e nas advertências onde se lê:

Esse mapa do continente América do Sul, foi originalmente empreendido sob os conselhos de Sua Excelência, o falecido, Chevalier Pinto, durante sua residência em Londres, como Ministro Plenipotenciário da corte portuguesa; quem graciosamente patrocinou esse trabalho ao comunicar todos os mapas manuscritos & outros documentos geográficos sobre o território português.²⁷

²⁷ Tradução livre do original

Esses documentos e mapas eram do acervo pessoal de Balsemão que os tinha coletado, ou supervisionado seu trabalho de confecção, durante o período em que foi Governador da Capitania do Mato Grosso e Cuiabá. A consulta a essa vastíssima e atualizada cartografia portuguesa sobre o Brasil possibilitou a Faden desenhar seus contornos internos, delimitando as várias capitanias que compunham a colônia. Uma novidade cartográfica importante que corrobora o objetivo português de evidenciar sua expansão colonizadora para assim buscar a legitimação do público internacional para as fronteiras que almejava para tornar o Brasil continental.

Mapa 3. Colombia Prima or South America, novo mapa da América do Sul publicado por Faden, em 1807, em dimensões monumentais. British Library, Coleção Topográfica do Rei George III.



Luís Pinto permaneceu atento ao desenrolar dos conflitos na América do Norte. Inicialmente, seguindo as orientações do Marquês de Pombal, a diplomacia portuguesa tentou se afastar dos rebeldes, porém a morte de Dom José I (1714-1777) e a internacionalização da Guerra de Independência tornaram a posição inicial insustentável. Mesmo com a queda de Pombal e a ascensão de Dona Maria I (1734-1816), Luís Pinto permaneceu no cargo, uma mostra do prestígio de que gozava na Corte. Passou então a comandar a nova postura de Portugal perante os Estados Unidos da América, na medida em que percebeu a inevitabilidade da independência “e da emergência de uma realidade totalmente diferente no Novo Mundo.” (SILVA, 2005:928) Em Abril de 1786 negociou e assinou um tratado comercial com Thomas Jefferson e John Adams (1735-1826), na

tentativa de dinamizar as relações comerciais de Portugal, todavia o acordo nunca foi ratificado. (MAXWELL, 2016:81-82)

UM ILUSTRADO COLABORADOR

Para além de conquistar o beneplácito das autoridades inglesas, também coube a Luís Pinto propagandar o conhecimento sobre a conquista portuguesa na América no ambiente literário ilustrado. Sua primeira intervenção nesse sentido foi sua colaboração para a obra *The History of America* (1777), de William Robertson (1721-1793). O embaixador português forneceu ao historiador escocês uma série de informações sobre o interior da América do Sul, especialmente descrições sobre os povos nativos,²⁸ um tema de intensa curiosidade entre os intelectuais europeus, que na época tinham como principal referência a obra de Don Antonio de Ulloa (1716-1795).²⁹

O livro de Robertson tornou-se o assunto principal dos encontros literários em Londres, e as novas informações disponibilizadas por Luís Pinto aguçaram a curiosidade de Guillaume Thomas François Raynal, o Abade Raynal (1713-1796), que preparava uma nova edição de *Histoire des deux Indes* (1780) e, em visita à capital inglesa conseguiu encontrar pessoalmente com o embaixador. A polidez e o conhecimento de Luís Pinto impressionaram Raynal que o qualificou como “um dos homens mais ilustrados que já viveu no Brasil.” (FURTADO&MONTEIRO, 2019:10-11)

Com o questionário entregue por Raynal em mãos, Luís Pinto escreveu para os seus superiores a fim de obter permissão para mais uma colaboração. Em Maio de 1778, o Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, Aires de Sá e Melo de Menezes e Sottomayor (1715-1786), não só autorizou como ainda norteou as diretrizes que Luís Pinto deveria seguir, para assegurar que Portugal e suas conquistas fossem vistas de forma favorável na obra francesa. (FURTADO&MONTEIRO, 2019:11) Como resposta, o

²⁸ No prefácio Robertson diz que “From other quarters I have received information of great utility and importance. M. le Chevalier de le Pinto, the minister from Portugal to the court of Great Britain, who commanded for several years at Matogrosso, a settlement of the Portugueses in the interior part of Brazil, where the Indians are numerous, and their original manners little altered by intercourse with Europeans, was pleased to send me very full answers to some queries concerning the character and institutions of the natives of America, which his polite reception of an application made to him in my name, encouraged me to propose. These satisfied me, that he had contemplated with discerning attention the curious objects which his situation presented to his view, and I have often followed him as one of my best instructed guides.” (1777, p.13) Outras citações aparecem nas referências finais: “M. le Chevalier Pinto, Who resided several years in a part of America which Ulloa never visited, gives a sketch of the general aspect of the Indians there (...)” (ROBERTSON, William. 1777: 460). “M. le Chevalier de Pinto observes, that in the interior parts of Brazil, he had been informed that some persons resembling the White people of Darien have been found (...)” (ROBERTSON, William. 1777: 462).

²⁹ *A Voyage to South America* publicada em 1758.

embaixador português produziu dois documentos que demonstram sua erudição e conhecimento sobre a História e a situação do Brasil e das suas fronteiras.³⁰

As memórias foram entregues apenas no início de 1778, por isso Luís Pinto pôde incluir informações sobre o novo Tratado de Limites de Santo Ildefonso, assinado em 1º de Outubro de 1777. Desde o período em que foi Governador da Capitania do Mato Grosso e Cuiabá a questão dos limites e definições das fronteiras do Brasil esteve presente no dia-a-dia das atividades de Luís Pinto. Assim que chegou a Londres, essa também se tornou uma de suas principais tarefas, especialmente depois que Pombal desferiu um ataque às posições espanholas no extremo sul do Brasil. Por isso acumulou um vasto conhecimento sobre o assunto. Todavia, não conseguiu interferir nas negociações, que foram diretamente organizadas por Dom Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho (1726-1780), na época embaixador português na Espanha. Inclusive, por ficar “sem informações pelo governo português durante as negociações com a Espanha” foi “submetido a pressões e desconfianças frequentes por parte do ministério e da opinião pública inglesa.” (SILVA, 2002:232), Apesar das diversas tentativas, não conseguiu convencer o gabinete britânico a apoiar de forma veemente uma rodada de negociações entre as nações ibéricas. Tanto que, desiludido, reclamou em Abril de 1777 que a “Inglaterra tem adotado no ministério presente, a máxima geral de olhar com indiferença a todos os negócios externos e de se cingir unicamente aos próprios”.³¹

É interessante ressaltar que esses “intercâmbios intelectuais” tinham em vista, “ao menos de forma mediata, a intenção de promover na opinião pública ‘europeia’ pontos de vista apoiados pelas pretensões da administração central portuguesa.” Compreender o “papel que agentes e diplomatas ao serviço de Portugal exerceram ao disponibilizarem tais informações” é essencial para desvelar como serviram de “instrumento para criar, na opinião pública e na administração das cortes europeias, uma visão positiva do colonialismo português.” (FURTADO&MONTEIRO, 2020:222-223) Aparentemente, foi isso que fez nas colaborações que estabeleceu com Robertson, Raynal e Faden.

Luís Pinto viveu por 14 anos em Londres (1774-1788), cidade onde estabeleceu fortes laços intelectuais e onde seus seis filhos cresceram.

³⁰ Os documentos estão na Biblioteca da Ajuda (BA) e foram gentilmente cedidos para essa pesquisa pela Profª Drª Junia Ferreira Furtado, a quem calorosamente agradecemos. BA.54-XI-26(7). 1778. Extrait des Notes fournies à Mr. L'Abbé Raynal par S. Excell.º Mr. Le Viscomte de Balsemão sur les Colonies Portugaises, avec ses observations critiques sur l'histoire Philosophique des deux Indes e BA. 54-XI-27 (11). 1778. Memoires de son Excellence Mº Louis Pinto de Souza Coutinho, Visconde de Balsemão, Sur les contestations entre les Couronnes d'Espagne et de Portugal, relatives à ses possessions dans l'Amerique Meridionale, selon les epoques et les traits.

³¹ ANTT. MNE. Correspondência de legações estrangeiras. Londres. Caixa 702. 01/04/1777

Sua permanência à frente da legação entre 1777 e 1788 só é interrompida provisoriamente em duas ocasiões: a primeira entre 19/09/1780 e 12/10/1780 e a segunda entre 03/09/1783 e 03/09/1785. No primeiro caso foi substituído pelo representante português em Haia, António Augusto de Sousa Holstein e, no segundo caso, pelo secretário da legação de Londres, Cypriano Ribeiro Freire. (...) De facto, a sua experiência devia contar bastante, já que, tendo em 1780 pedido e obtido uma licença de 4 meses, foi obrigado a interrompê-la para se dedicar a uma negociação urgente em Londres. (SILVA, 2002:189)

Normalmente, as embaixadas eram um entreposto para o alcance de cargos maiores. A “nomeação para uma embaixada principal com carácter (estatuto de ‘ministro plenipotenciário’), era, desde os primórdios da dinastia de Bragança, a via majoritária para se chegar a uma Secretaria de Estado.”³² (FURTADO&MONTEIRO, 2019:8) Esse foi o caminho trilhado por Luís Pinto que, na reorganização ministerial de 1788, foi chamado de volta ao Reino para formar o novo Ministério. Primeiramente, ocupou o cargo de Secretário dos Negócios Estrangeiros até 1801, quando o gabinete foi reorganizado com o início da regência do príncipe Dom João, quando Luís Pinto foi redirecionado para a Secretaria de Negócios do Reino, cargo que ocupou até a sua morte, em 1804.

A TÍTULO DE CONCLUSÃO

Os mapas são incríveis objetos históricos que, se interpelados teórico-metodologicamente, são capazes de revelar fatos, nuances, relações e intenções que, de outra forma, passariam despercebidos. O primeiro passo é perceber o mapa para muito além do território que representa, ou seja, “o estudo dos mapas como artefatos – como coisas feitas para serem movidas no espaço, guardadas e usadas – tem pequena ligação imediata com os lugares mapeados, mas tem muito a ver com as pessoas que os criavam e consumiam.” (EDNEY, 2019:31) Em torno dos mapas gravitam uma série de sujeitos, que só são percebidos quando a análise histórica se volta para o contexto em que o mapa foi produzido, seguindo esse procedimento metodológico que propomos a inclusão do mapa *Colombia Prima* como mais uma das colaborações capitaneadas por Balsemão.

O embaixador desempenhou um papel decisivo na construção de *Colombia Prima*, colaborando com o empréstimo de mapas e com sua visão geopolítica da América portuguesa. Na Inglaterra, Balsemão também municiou outros *savants* europeus com os conhecimentos que acumulara durante sua estada no Brasil, fornecendo informações ao

³² Tradução livre do original

historiador William Robertson, quando esse confeccionava o terceiro volume do seu *The History of America* (1777), e ao Abade Raynal, quando este preparava a terceira edição da *Histoire des deux Indes*, de 1780. Os três intercâmbios intelectuais são evidências da postura diplomática portuguesa, encetada na segunda metade do século XVIII e início do século XIX, que, por ordem das autoridades reinóis, pretendia utilizar os livros e mapas desses inteligentes europeus como divulgadores de informações sobre o Império português, com o intuito de legitimar e assegurar suas possessões e suas conquistas. É nesse contexto que se insere a colaboração que se estabeleceu entre William Faden e Balsemão para a produção do *Colombia Prima*, que tinha o objetivo de subsidiar e influenciar o processo de consolidação das fronteiras do Brasil, entre o final do século XVIII e o início do XIX.

A grande inovação de *Colombia Prima* foi ser o primeiro mapa sobre a América do Sul, publicado no século XIX, capaz de sintetizar as principais disputas políticas acerca das delimitações de fronteiras, que haviam ocorrido no século anterior. A novidade estava no que o próprio Faden chamou de capacidade de “delinear a extensão do conhecimento desse continente extraído principalmente dos mapas manuscritos originais”.³³ Ou seja, mesmo sem sair da sua editora de mapas situada em Londres, na *Charing Cross street*, Faden delimitou de forma bastante precisa as fronteiras então vigentes entre as colônias portuguesa, espanhola, francesa e holandesa, tudo isso em função do conteúdo inédito que teve acesso sobre a configuração do continente.

Não se pode deixar de considerar que a associação de Balsemão com Faden foi interessante para Portugal, especialmente na nova conjuntura pós-Tratado de Santo Ildefonso (1777). Faden soube traduzir e interpretar, segundo os interesses imperiais britânicos, os conhecimentos fornecidos por Balsemão, construindo um mapa síntese dos conhecimentos cartográficos que, ao longo do século XVIII, na Europa, foram reunidos sobre a América do Sul. No alvorecer do século XIX, *Colombia Prima* ajudou a consolidar uma nova imagem que se pretendia mais realista e atualizada da América do Sul. Na porção luso-brasileira, solidificou a imagem de um Brasil continental, que estava sendo construída pelos portugueses desde o Tratado de Madri (1750). Do lado hispano-americano, foi o último retrato do Império, que começou a se esfarelar poucos anos depois, dividindo-se em várias nações independentes.

Dessa forma, os interesses portugueses nessa colaboração parecem claros: usar da autoridade científica do mapa, do reconhecimento internacional do geógrafo Faden, para petrificar a imagem continental do Brasil junto à ampla opinião pública europeia e, dessa

³³ Tradução livre do original.

forma, legitimar seus interesses geopolíticos na América do Sul, em oposição à Europa, onde sua situação se encontrava fragilizada antes os avanços das forças napoleônicas.

REFERÊNCIAS

DOCUMENTOS MANUSCRITOS

THE NATIONAL ARCHIVES, INGLATERRA (TNA)

TNA, SP 89/85/2, 1778, Jan 9. Folio 3: L. Pinto de Sousa to Viscount Weymouth

TNA, SP 89/75/61. 1773, Nov 3, Lisbon. Folio 160: R. Walpole to Earl of Rochford

TNA. SP 89/76/28. 1774, Apr 9, Lisbon. Folio 63: Consul J.Whitehead to Earl of Rochford

TNA. SP 89/76/32. 1774, Apr 27, Lisbon. Folio 71: R. Walpole to Earl of Rochford

TNA. SP 89/76/35. 1774, May 14, Lisbon. Folio 78: R. Walpole to Earl of Rochford

TNA. SP 89/79/2. 1775, Jan 4, Lisbon. Folio 3: E. Walpole to Earl of Rochford

TNA. SP 89/78/40. 1774, Dec 7, London. Folio 120: L. Pinto de Sousa to Lord Suffolk

TNA. SP 89/78/39. 1774, Dec 20, London. Folio 116: Earl of Rochford to R. Walpole

TNA. SP 89/83/15. 1776, Sept 9, London. Folio 43: L. Pinto de Sousa to Viscount Weymouth

The Royal Society Archives, Inglaterra (TRS)

TRS, EC/1787/01. Sousa Coutinho, Luis Pinto de; certificate of election to the Royal Society

Arquivo Distrital de Braga, Portugal (ADB)

ADB. 1789-08-12. PT/UM-ADB/FAM/FAA-AAA/000142. B-8(16,2). Carta de Luís Pinto de Sousa Coutinho

Biblioteca da Ajuda, Portugal (BA)

BA.54-XI-26(7). 1778. Extrait dès Notes fournie à Mr. L'Abbé Raynal par S. Excell.º Mr. Le Viscomte de Balsemão sur les Colonies Portugaises, avec ses observations critiques sur l'histoire Philosophique des deux Indes.

BA. 54-XI-27 (11). 1778. Memoires de son Excellence Mº Louis Pinto de Souza Coutinho, Visconte de Balsemão, Sur les contestations entre les Couronnes d'Espagne et de Portugal, relatives à ses possessions dans l'Amérique Meridionale, selon les epoques et les traits.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Portugal (ANTT)

ANTT. MNE. Correspondência de legações estrangeiras. Londres. Caixa 702

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

Letter 2428: Robert Southey to Herbet Hill, 27 May 1814

FO. Jefferson's Suggestions for Republishing the Cruz Cano Map of South America, [ca. August 1786], **Founders Online**, National Archives, <https://founders.archives.gov/documents/Jefferson/01-10-02-0143>. [BOYD, Julian P. (ed.) **The Papers of Thomas Jefferson**, vol. 10, 22 June–31 December 1786. Princeton: Princeton University Press, 1954, pp. 216–217.]

MAPAS

Biblioteca Pública Municipal do Porto, C-M&A-P.17(46) e C-M&A-P.25(43), 1783. LA ROCHETTE, L.S.D. de. **The coast of Guyana from the Oroonoko to the river of Amazons and the inland parts as far as they have been explored by the French & Dutch engineers with the islands of Barbadoes, Tobago &ca.**

British Library, 018640974, 1807. ROCHETTE, Louis S. D. de la. **Colombia Prima Or South America, In which it has been attempted to delineate the Extent of our Knowledge of that Continent.** Extracted Chiefly from the original manuscript maps of His Excellency the late Chevalier Pinto; Likewise from those of João Joaquim da Rocha, João da Costa Ferreira; El Padre Francisco Manuel Sobreviela &c. And from most authentic edited accounts of those countries / Digested & Constructed By Louis Stanislas Darcy De La Rochette. London: Published by Wiliam Faden, Geographer to His Majesty and to His Royal Highness the Prince of Wales, June 4th 1807. Scale approximately 1:3, 200, 000, 239 x 164 cm. Part of King George III's Topographical Collection.

David Rumsey Historical Map Collection, 0220000, 1799. OLMEDILLA, Juan de la Cruz Cano y. FADEN, William. **Mapa geográfico de América Meridional Dispuesto y gravado por D. Juan de la Cruz Cano y Olmedilla, geogfo. pensdo. de S.M. Individuo de la Rl. Academia de Sn. Fernando, y de la Sociedad Bascongada de los Amigos del Pais, teniendo presentes Varios Mapas y noticias originales con arreglo á observaciones astronómicas, Año 1775.** Londres: Publicado por Guillermo Faden, Geografo del Rey, y del Principe de Gales, Enero 1 de 1799. 185x130cm.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, André F. O mapa Geográfico de América Meridional, de Juan de la Cruz Cano y Olmedilla. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, N. Sér. v.17, n.2, pp.79-89, jul.-dez. 2009.

BORRALHO, Maria Luísa M. R. **"Por acaso hum viajante...": a vida e a obra de Catarina Lencastre, 1ª Viscondessa de Balsemão (1749-1824).** Lisboa: IN-CM, 2008.

BORRALHO, Maria Luísa M. R. **D.Catarina de Lencastre: 1749-1824, libreto para uma autora quase desconhecida.** Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999. (Tese. Doutoramento em Letras)

BRIGOLA, João Carlos. Viagem, ciência e administração no Brasil colonial – os gabinetes setecentistas de história natural de Luís Pinto de Balsemão, de Luís de Vasconcelos e Sousa

e de Luís de Albuquerque Cáceres. **Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp.331-339/2004.

CABRAL, Luís e MEIRELES, Maria A. Documentos relativos ao Brasil existentes na Biblioteca Pública Municipal do Porto. **Acervo**. Rio de Janeiro, v.10, n.º1, pp.29-46, jan/jun 1997.

COSTA, Júlio M. R. Alguns livros científicos (séc.XVI e XVII) no “inventário” da Livraria dos Viscondes de Balsemão. **Ágora, Estudos Clássicos em Debate**, v.14, n.1, pp.131-158, 2012.

COWAN, Brian. The Rise of the Coffeehouse Reconsidered. **The Historical Journal**, v.47, n.1, pp.21-46, Mar.2004.

DOMINGUES, Ângela. Notícias do Brasil colonial: a imprensa científica e política a serviço das elites (Portugal, Brasil e Inglaterra). **Varia Historia**, Belo Horizonte, v.22, n.35, pp.150-174, Jan/Jun 2006.

EDNEY, Matthew H. **Cartography: the ideal and it's history**. Chicago: The University of Chicago Press, 2019.

FIOLHAIS, Carlos. **Membros Portugueses da Royal Society**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

FURTADO, Junia F. Dom João V e a década de 1720: novas perspectivas na ordenação do espaço mundial. In: FRAGOSO, João Luís Ribeiro e GOUVÊA, Maria de Fátima. (orgs.) **O Brasil Colonial (1720-1821)**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, v.3, p.61-110, 2014.

FURTADO, Junia F. e MONTEIRO, Nuno G. O Abade Raynal: Discursos e fontes sobre o Império Português. Algumas notas. In: CHARTIER, Roger; RODRIGUES, José D. e MAGALHÃES, Justino.(orgs.) **Escritas e Cultura na Europa e no Atlântico Modernos**. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa/Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2020, p.221-248.

FURTADO, Junia F. e MONTEIRO, Nuno G. Os Brasís na Histoire des Deux Indes do abade Raynal/The Different Brazils in Abbé Raynal's Histoire des Deux Indes. **Varia Historia**, v.32, n.60, pp. 731-777, 2016.

FURTADO, Junia F. e MONTEIRO, Nuno G. Raynal and the defence of the Portuguese colonization of Brazil: diplomacy and the Memoirs of the Visconde de Balsemão. **Análise Social**, LIV.1º, n.230, pp.4-33, 2019.

FURTADO, Junia F. **O mapa de inventou o Brasil**. Rio de Janeiro: Versal, 2013.

FURTADO, Junia F. **Oráculos da geografia iluminista: Dom Luís da Cunha e Jean Baptista Bourguignon d'Anville na construção da cartografia do Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2012b

MALAQUIAS, Isabel M. João Jacinto de Magalhães e a definição das fronteiras brasileiras. **Revista da SBHC**, n.1, v.2, pp.94-102, 2003.

MAXWELL, Kenneth. Relações entre Portugal e Estados Unidos (1776-1820). Contribuições adicionais. **Relações Internacionais**, pp.75-87, Setembro, 2016.

MEGELLAN, John Hyacinth de. **Description et Usages des Instrumens d'Astronomie et de Physique, faits à Londres, par ordre de la Cour de Portugal en 1778**. Londres: L'Imprimerie de W. Richardson, dans le Strand, 1779. Fundo Antigo da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

MOREIRA, Zenóbia C. **O lirismo pré-romântico da Viscondessa de Balsemão. D. Catharina Michaela de Sousa César e Lencastre, 1749-1824**. Lisboa: Edições Colibri, 2000.

PEDLEY, Mary S. Selected papers from the 16th international conference on the history of cartography: Maps, war, and commerce: Business correspondence with the London map Firm of Thomas Jefferys and William Faden. **Imago Mundi**, v.48, n.1, pp.161-173, 1996.

ROBERTSON, William. **The History of America**. Vol.I. Messrs. Whitestone. Dublin 1777. Harvard University.

SILVA, José A. T. R. **A Academia Real das Ciências de Lisboa (1779-1834): ciências e hibridismo numa periferia europeia**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2015. (Tese. Doutoramento em História)

SILVA, Júlio Joaquim da C.R da. A guerra de independência dos EUA e os diplomatas portugueses. Luís Pinto de Sousa Coutinho e os primórdios do conflito (1774-1776). In: **Actas do XV Colóquio de História Militar – Portugal Militar nos Séculos XVII e XVIII até às Vésperas das Invasões Francesas**. Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar, 2005, p.913-928.

SILVA, Júlio Joaquim. da C. R. da. **Ideário político de uma elite de Estado: corpo diplomático (1777/1793)**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002.

TOPA, Francisco. **Poemas dispersos e inéditos de Luís Pinto de Sousa Coutinho, 1.º Visconde de Balsemão**. Porto: Edição do Autor, 2000.

TORRES, Luiz H. O poente e o nascente do projeto luso-brasileiro (1763-1777). **Biblios**, Rio Grande, v.22, n.2, pp.19-25, 2008.

VENTURA, Antonio. «Deus Guarde V. Ex^a Muitos Anos». Manuel Godoy e Luís Pinto de Sousa (1796-1798)”, **Revista de Estudios Extremeños**. v. 57, n.3, pp.963-1116. 2001.

RECEBIDO EM: 05/04/2021
PARECER DADO EM: 12/05/2021